**APÊNDICE B - PRODUTO**

**NOTA TÉCNICA – Setembro/2017**

**TÍTULO: Percepção dos Concluintes de Medicina sobre Aspectos Relacionados à Terminalidade da Vida.**

**AUTORAS: Tanise Nazaré Maia Costa (Mestranda)**

 **Milena Coelho Fernandes Caldato (Orientadora)**

O envelhecimento da população brasileira e consequente incremento no número de doentes crônicos com patologias de difícil controle, degenerativas e incuráveis com risco potencial de morte tornam mister a preocupação a respeito das perspectivas da terminalidade da vida por parte dos estudantes do curso de Medicina, que serão os futuros profissionais que enfrentarão essa realidade.

 Somando-se a isso, o grande avanço das tecnologias em Medicina possibilitou que a vida do ser humano possa ser prolongada de forma artificial, ao mesmo tempo que não se avançou na discussão acerca do valor do homem e o significado da morte.

Tal fato faz urgir a necessidade de que as Escolas Médicas observem atentamente essa situação polêmica com impacto ético, familiares, culturais e econômicas, as quais o médico deve saber lidar.

 Tem-se encontrado nas práticas médicas habituais uma cultura de informação obsoleta a respeito, pois ainda há grande dificuldade da equipe interdisciplinar no manejo de quando definir e realizar cuidados paliativos e ao fim da vida, provavelmente por falhas na formação deste profissional com relação a este assunto.

 Constata-se ainda Distanásia e Obstinação terapêutica frequentemente nos hospitais e instituições de longa permanência, tornando-se um problema de Saúde Pública com repercussões econômicas e sociais. A única expectativa de mudança vem das recentes formações médicas, que de acordo com as novas Diretrizes Curriculares, deve-se formar um médico generalista, humanista, crítico e reflexivo (REF).

A partir da análise do conteúdo das respostas do questionário aplicado aos participantes no estudo, constatou-se que pouco mais de um terço dos estudantes do sexto ano de Medicina relatou dificuldade em comunicar a morte de um paciente à sua família, cerca de 60% deles sentem-se despreparados ou têm dúvidas na vivência de morte em Serviço de Urgência e a maioria diz-se totalmente de acordo com a afirmação de que se sente “muito incomodado quando vê a morte de um paciente jovem”.

Com relação ao posicionamento dos estudantes ante a humanização na assistência em saúde e cuidados paliativos investigado, a grande maioria deles respondeu que “adotaria o suporte emocional para pacientes terminais”, “conversaria com o paciente terminal sobre a doença”, “esclareceria para os pacientes terminais quanto tempo viveriam”, “informaria o diagnóstico verdadeiro aos pacientes no caso de uma doença terminal”, “concorda que os cuidados paliativos aumentam a qualidade de vida do paciente” e ainda “adotaria o cuidado paliativo com seus pacientes”. Apesar disso, houve respostas heterogêneas e indefinidas nos itens “concorda que a discussão aberta sobre questões de vida e morte não fere os pacientes nessa situação e que, na realidade, eles gostam dessa franqueza”, “usaria aparelhos para prolongar a vida de seus pacientes” e “acha que altas tecnologias se tornam um complicador na humanização de pacientes terminais”.

 Na última parte do questionário com a pergunta aberta: ‘O que você entende sobre Eutanásia, Distanásia e Ortotanásia?’ cerca de 25% dos alunos referiram desconhecer o termo Eutanásia; 53%, Ortotanásia; e, 56%, Distanásia. Ademais, 23% dos discentes desconheciam os três termos.

 Em virtude desses resultados, observou-se a necessidade de maior aprofundamento nos cursos de Medicina a respeito do tema. Fica a respeitosa sugestão de aprofundamento de abordagens, em diferentes momentos do curso acerca do assunto e em uma crescente busca de estratégias para inserir o aluno em experiência real seja em ambulatório ou hospitais com os respectivos feedbacks, aspirando minimizar possíveis dificuldades de enfrentamento.

 É interessante ainda que seja realizada uma avaliação periódica ao longo do curso, da evolução do aluno acerca do tema e, em caso de encontrar alguma deficiência buscar o reparo ainda durante a formação médica.

 Estas propostas permitirão benefícios não somente aos alunos, mas também a sociedade, ao possibilitar o preparo dos futuros egressos (que atenderão a população e estarão em hospitais também vivenciando estes questionamentos) para lidar de maneira mais adequada e apropriada.